

Vale de Éguas 3 (S. Salvador, Serpa): fragmentação de materiais cerâmicos e enchimento de estruturas

Lídia Baptista¹

Sérgio Gomes²

RESUMO:

Vale das Éguas 3 foi identificado aquando dos trabalhos de acompanhamento arqueológico levados a cabo no âmbito da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, em Serpa (Beja). Trata-se de um sítio com estruturas em negativo do III.º Milénio a.C. cujos limites estão para além da área intervencionada.

este artigo iremos apresentar os principais resultados obtidos na intervenção e, na análise da Estrutura N.º 2, discutiremos a articulação entre as práticas de enchimento/construção da estrutura e as práticas de fragmentação de recipientes cerâmicos.

ABSTRACT:

In the poster about Vale das Éguas 3 we discuss some topics aspects of fragmentation and how it connects with architecture. We highlight a case of a deposition of a fragment, and a case of a entire vessel, that was put inside as an assemblage of sherds in a process that,

multiplying / fragmenting a unit, divided it, according to a configuration, previously acquired, (the parts of the container), for later re-assemble it in a deposition, not as a unit, but as units, that once were part of the same element.

1. INTRODUÇÃO

Neste texto são apresentados, de modo sucinto, os resultados dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na estação pré-histórica de Vale das Éguas 3. No âmbito dos contextos identificados, salientamos a importância

de um deles – a Estrutura N.º 2 – na discussão acerca das práticas de deposição, fragmentação e arquitectura do III.º Milénio a.C.

1 - CEAUCP-CAM, Aluna de Doutoramento da FLUP, Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (lidiabap@gmail.com)

2 - CEAUCP-CAM, Aluno de Doutoramento da FLUP, Arqueologia & Património Lda. (sergiogomes@arqueologiaepatrimonio.pt)

2. VALE DAS ÉGUAS 3: APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DOS RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Vale de Éguas 3 foi identificado no âmbito do acompanhamento arqueológico dos trabalhos de abertura de valas inerentes à execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Estes trabalhos arqueológicos foram promovidos pela EDIA SA. A estação localiza-se, do ponto de vista administrativo, na freguesia de Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja (Figura 1). Geomorfologicamente, a região corresponde à peneplanície alentejana. A paisagem descreve um ondulado pontuado por colinas, permitindo a percepção de uma longínqua e extensa linha de horizonte. Do ponto de vista geológico, é de salientar que esta área corresponde ao maciço Antigo ou Hespérico, na Zona da Ossa Morena, no sector Montemor-Ficalho. Trata-se de uma zona muito afectada por falhas e lineamentos, e por alguns alinhamentos com a orientação E-W a WNW-ESE.

Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico, após a remoção das terras de lavra, foi definido o topo do substrato geológico local (caliços) no qual foram identificados sete possíveis contextos

de interesse arqueológico (Figuras 2 e 3). No sentido de averiguar a natureza destes elementos e assegurar a sua caracterização, foi definida a realização de sete sondagens, tendo-se constatado que tais contextos correspondiam a estruturas em negativo cujos conjuntos artefactuais remetiam para uma cronologia pré-histórica (III.º Milénio a.C.).

Na análise do enchimento das estruturas e dos conjuntos artefactuais exumados (Figura 4 e Tabela 1), constatou-se que a Estrutura N.º 2 se destacava das restantes por duas razões: a primeira prende-se com a maior expressão numérica dos seus elementos; a segunda diz respeito à distribuição de tais elementos no interior da estrutura. Neste poster iremos apresentar este contexto tentando problematizar a sua especificidade quando pensada no âmbito das questões que se colocam à fragmentação e deposição de materiais durante a Pré-história Recente (Chapman 2000; Pollard 2001; Jones 2002; Garrow, Beadsmoore, Knight 2005; Jorge 2005, Valera 2010, McFayden no prelo, por exemplo).

Est.	Diâmetro do topo	Diâmetro da base	Altura máxima	Morfologia	Enchimento	Conjunto artefactual
N.º 1	1,20 m x 0,90 m	1,20 m x 1 m	0,40 m	Estrutura de planta sub-circular. Paredes regulares ligeiramente inclinadas (ângulo obtuso). Base plana. "Forma aberta".	2 (matriz argilosa)	sem qualquer elemento
N.º 2	1,80 m x 1,60 m	1,60 x 1,20 m	1,20 m	Estrutura de planta sub-oval. Paredes irregulares ligeiramente inclinada (ângulo obtusos). Base plana. "Forma aberta".	5 (matriz argilosa)	103 frag. Cerâmicos
N.º 3	1,50 m x 1,40 m	2,10 m x 2,10 m	1,40 m	Estrutura de planta sub-circular. Paredes regulares ligeiramente inclinadas (ângulo agudo); em perfil trata-se de um forma composta: ao nível do topo apresenta um cilindro, com cerca de 20 cm de altura, que "encaixa" num corpo semi-esférico. Base plana. "Forma fechada".	4 (matriz argilosa)	3 frag. Cerâmicos; 1 frag. De um dormente
N.º 4	1,20 m x 1,10 m	1,40 m x 1,30 m	0,40 m	Estrutura de planta sub-circular. Paredes regulares ligeiramente inclinadas (ângulo agudo). Base plana. "Forma fechada".	1 (matriz argilosa)	sem qualquer elemento
N.º 5	1,50 m x 1,50 m	1,80 m x 1,70 m	1 m	Estrutura de planta circular. Paredes irregulares; em perfil trata-se de um forma composta: ao nível do topo apresenta um cilindro, com cerca de 20 cm de altura, que "encaixa" num corpo semi-esférico. Base plana. "Forma fechada".	1 (matriz argilosa)	6 frag. Cerâmicos
N.º 6	1,30 m x 1,10 m	1,80 m x 1,70 m	0,70 m	Estrutura de planta sub-circular. Paredes regulares ligeiramente inclinadas (ângulo agudo). Base plana. "Forma fechada".	1 (matriz argilosa)	1 frag. Cerâmico

Tabela 1 – Descrição dos principais aspectos das estruturas identificadas.

3. ESTRUTURA N.º 2: APONTAMENTOS SOBRE PRÁTICAS DE DEPOSIÇÃO, ARQUITECTURA E FRAGMENTAÇÃO

O topo do enchimento da Estrutura N.º 2 correspondia a um depósito argiloso (UE 200) com inclusão de pequenas pedras concentradas na parte superior do depósito. Após a remoção da UE 200, foi identificado o topo da UE 201 – um depósito semelhante à UE 200, mas de tonalidade mais clara. Durante a sua escavação, definiu-se um plano intermédio a propósito da presença de parte de um “prato de bordo espessado”. Este recipiente apresentava-se “colocado” num plano horizontal (Figura 5 e 6). Para além deste fragmento (de maiores dimensões), foram também recolhidos 5 fragmentos cerâmicos muito reduzidos, três dos quais colam entre si. Os restantes depósitos de enchimento da Estrutura N.º 2 (UE's 202, 203 e 204) apresentam uma matriz argilosa variando entre si na coloração. Nos vários depósitos foram recolhidos fragmentos cerâmicos correspondentes a um único recipiente esférico fechado. É de salientar que, ao contrário do “prato” identificado na UE 201, os fragmentos encontram-se espalhados no interior da estrutura, contrastando assim, tanto no que diz respeito à sua “integridade”, como na formalização da sua ocorrência.

O grau de fragmentação e a integridade dos dois recipientes é muito distinta. Por um lado, do prato apenas está presente cerca de metade do recipiente, porém na sua deposição a integridade deste fragmento é mantida, isto é, a unidade de deposição é o próprio fragmento. Por outro lado, a disseminação dos fragmentos do recipiente esférico fechado remete para uma *transformação* da unidade do recipiente, sendo que, na sua deposição, ao contrário do fragmento do prato que polariza um nível de enchimento *formalizado*, os fragmentos ocorrem de uma forma aparentemente aleatória. Porém, aquando da remontagem do recipiente, constatou-se que na aparente aleatoriedade da distribuição destes fragmentos existia um aspecto que ordenava a distribuição: existe uma tendência de concentração das partes do vaso (fundo, bojo e bordo) nas três UE's consideradas, ocorrendo tendencialmente os fragmentos da parte inferior do recipiente nas UE's 202 e 203 e os fragmentos da parte superior na UE 204 (Figura 7). Deste modo, é de salientar que, na mesma estrutura, uma prática comum de fragmentação de unidades encerra duas variantes que nos expressam distintas dinâmicas.

No caso do prato, a integridade do fragmento (e

a formalização do nível em que ocorre) sugere um cenário em que o seu processo de fragmentação pode ter participado numa dinâmica social que J. Chapman (2000) designa por “*enchainment*” (encadeamento). Tal interpretação justapõe o processo de fragmentação a uma dinâmica de produção de um *laço social* baseado na multiplicação das relações de troca, em que a fragmentação de objectos torna-se uma forma de multiplicar a invocação de pessoas, lugares e momentos. A biografia do fragmento faz, desse mesmo fragmento, um protagonista do encadeamento, condensando (pelas suas relações) os múltiplos elementos que compõem essa rede. J. Chapman (ibid.) distingue o processo de encadeamento de uma forma diferente de representação da biografia dos objectos em que a operação se dá pela acumulação de relações num objecto inteiro, isto é, os objectos transformam-se em elementos catalizadores da rede de relações, não pela sua fragmentação, mas, porque, enquanto unidade, congregam os restantes participantes do laço social que suporta uma determinada comunidade. Esta diferenciação proposta por J. Chapman (ibid.) torna-se especialmente relevante no caso do recipiente esférico fechado, dado que, a sua ocorrência articula as duas possibilidades. Com efeito, se considerarmos que a disseminação dos fragmentos cerâmicos é decorrente de fenómenos pós-deposicionais de uma eventual deposição do recipiente numa posição invertida, a Estrutura N.º 2 congrega objectos cujas biografias são construídas e socializadas de modo muito distinto. A construção do seu enchimento remete-nos assim para uma multiplicidade de *ontologias* (parafraseando A. Valera (2010)) em que se tecem o território e a identidade de uma comunidade. Porém, se considerarmos que a disseminação dos fragmentos deste recipiente é correlativa de diferentes momentos de enchimento da estrutura, multiplicamos os cenários do seu processo de fragmentação. A este propósito, refira-se que podemos pensar a deposição na estrutura enquanto uma acção que não foi polarizada por objectos, mas, por depósitos que contêm objectos, multiplicando assim o número de elementos participantes na deposição. Esta possibilidade torna exponencial a complexa relação entre deposição, arquitectura e fragmentação. Neste caso, um processo que, multiplicando/fragmentando uma unidade, a divide de acordo com uma configuração

anteriormente adquirida (as partes do recipiente) para, posteriormente, voltar a reuni-las numa deposição, não enquanto uma unidade, mas enquanto unidades que

outrora fizeram parte de um mesmo elemento. E que fazem parte de uma prática de arquitectura em que se constrói o sentido destas estruturas em negativo.

AGRADECIMENTOS:

Este trabalho não teria sido possível sem o empenho de todos os elementos que compõem a equipa de campo e de gabinete. As fotografias de espólio ficaram a cargo de João Molha. O estudo e inventário do espólio

recuperado foi efectuado por Lídia Baptista e Nelson Vale, com o apoio de Francisco Barros, José Grilo e Cláudio Jorge. As ilustrações foram realizadas por Lidia Baptista e Rodry Mendonça. A todos, o nosso agradecimento.

BIBLIOGRAFIA

CHAPMAN, J. (2000), *Fragmentation in Archaeology: people, places and broken objects in the Prehistory of South-Eastern Europe*, London, Routledge.

GARROW, D., BEADSMOORE, E., KNIGHT, M. (2005), "Pit clusters and the Temporality of Occupation: an Earlier Neolithic Site at Kilverstone, Thetford, Norfolk", *Proceedings of the Prehistoric Society* 71: 139-157.

JONES, Andrew (2002), *Archaeological Theory and Scientific Practice*, Cambridge, Cambridge university Press.

JORGE, Susana Oliveira (2005), *O Passado é Redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*, Porto, Edições Afrontamento.

MCFAYDEN, Lesley (no prelo), *Fragmentation in Castelo Velho*

POLLARD, J (2001), "The aesthetics of depositional practice", *World Archaeology*, vol.33(2): 315-333. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/827905>, accessed 24/01/2009.

VALERA, António (2010), "Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões: "Lúnulas", Fragmentação e ontologia dos artefactos", *Apontamentos* 5, NIA: 31-42.

FIGURAS



Figura 1 – Localização de Vale das Éguas 3.

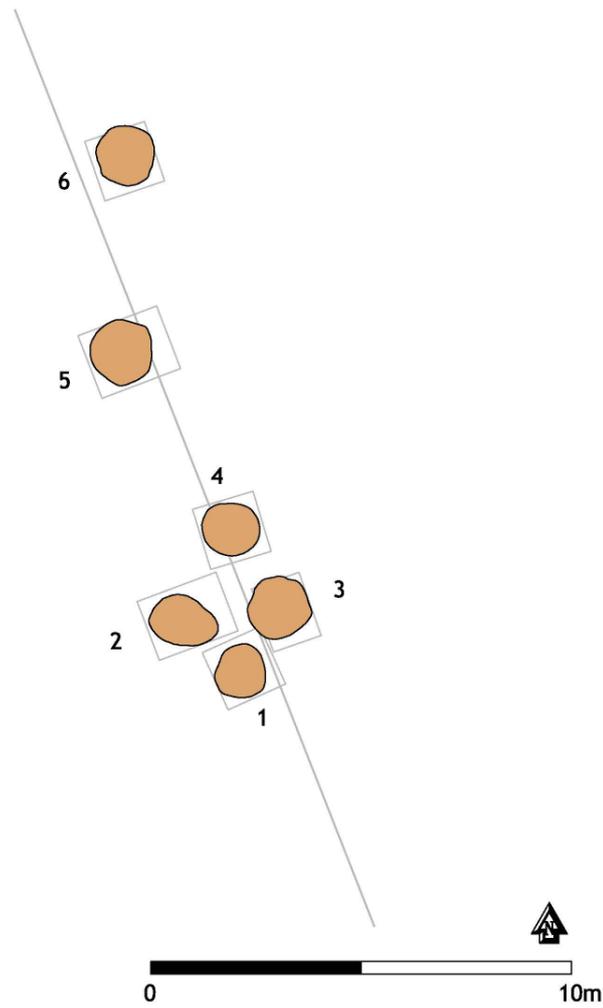


Figura 2 – Planta relativa à distribuição das estruturas.



Figura 3 – Vista geral da área intervencionada.

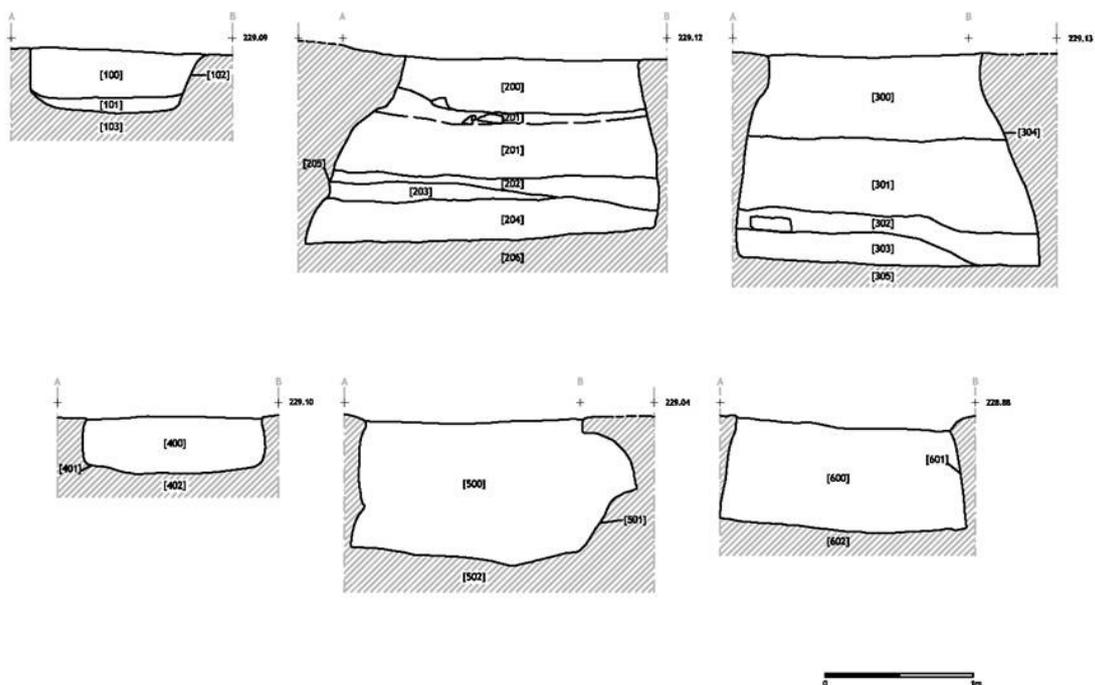


Figura 4 – Sequência de enchimentos das estruturas.



Figura 5 – Plano intermédio da UE 201: nível de deposição de “metade” de um prato de bordo espessado.



Figura 6 – “Metade” de um prato de bordo espessado.

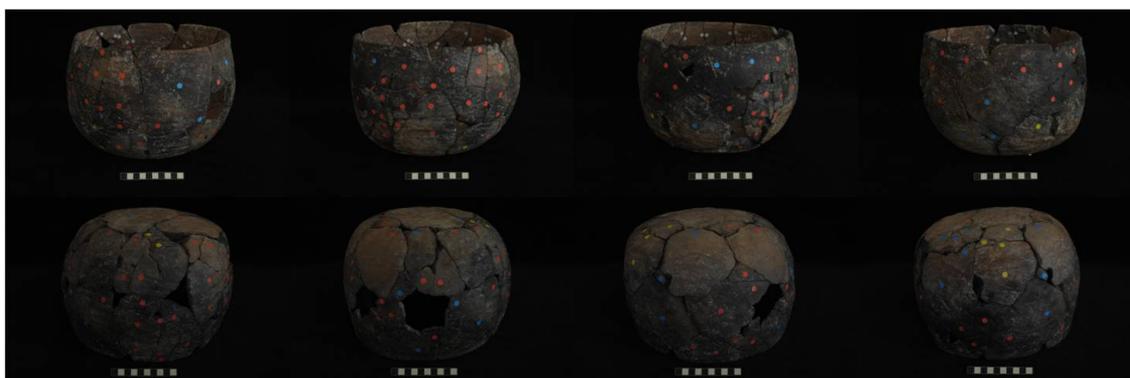


Figura 7 – Sequência de imagens de rotação do recipiente cerâmico esférico fechado. Os fragmentos exumados na UE 202 estão assinalados a amarelo, os da UE 203 a azul e os da UE 204 a laranja.